



A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE E AS NOVAS FORMAS DE SEGREGAÇÃO: OS CONDOMÍNIOS FECHADOS

Joana Jakeline de Alcantara Sampaio ¹
Cícera Cecília Esmeraldo Alves ²
Ivanalda Dantas da Nóbrega ³

RESUMO

A evolução do crescimento urbano das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha na região do Cariri cearense, foi marcada por desigualdades socioeconômicas que se diferenciaram no tempo e no espaço conforme a lógica capitalista. Essa lógica reestruturou a forma de moradia das elites ao criar o sistema de condomínios fechados nessas três cidades. Essa nova condição de moradia transposta das metrópoles pelos grandes agentes do capital imobiliário, utiliza-se do solo urbano para especulação financeira usando o discurso da segurança, do conforto e da privacidade para conquistar a classe de maior poder aquisitivo para esse novo jeito de morar. Abordaremos neste artigo a forma como os condomínios fechados refletem o processo de segregação socioespacial da região produzindo um espaço privado e totalmente desconectado da antiga lógica de moradia que tinha a rua como extensão da própria casa. Ao realizar esta pesquisa, levou-se em consideração a quantidade de condomínios fechados construídos nas três cidades Caririenses ao longo das últimas duas décadas, catalogados por meio de pesquisa de campo e sites eletrônicos, quando não era possível a coleta de dados por acesso direto aos moradores dos condomínios ou de órgãos públicos responsáveis pela normatização dos mesmos como por exemplo as prefeituras dessas cidades.

Palavras-chave: Capitalismo; Condomínios Fechados; Segregação Socioespacial; Cariri.

RESUMEN

La evolución del crecimiento urbano de las ciudades de Crato, Juazeiro do Norte y Barbalha, en la región del Cariri cearense, estuvo marcada por desigualdades socioeconómicas que se diferenciaron en el tiempo y en el espacio, conforme a la lógica capitalista. Esta lógica reestructuró las formas de vivienda de las élites mediante la creación del sistema de conjuntos cerrados en estas tres ciudades. Esta nueva condición de vivienda, transpuesta desde las metrópolis por los grandes agentes del capital inmobiliario, se vale del suelo urbano para la especulación financiera, utilizando el discurso de la seguridad, del confort y de la privacidad para atraer a la clase con mayor poder adquisitivo hacia esta nueva forma de habitar. En este artículo, abordamos cómo los conjuntos cerrados reflejan el proceso de segregación

¹Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, joanajackgealcasamp@gmail.com;

²Profª. Associada I curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, cicera.cecilia@professor.ufcg.edu.br

³Profª. Associada I curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, ivanalda.dantas@professor.ufcg.edu.br;



socioespacial en la región, produciendo un espacio privado totalmente desconectado de la antigua lógica de vivienda, en la que la calle era una extensión del propio hogar. Para la realización de esta investigación, se consideró la cantidad de conjuntos cerrados construidos en las tres ciudades caririenses a lo largo de las dos últimas décadas, catalogados mediante trabajo de campo y búsquedas en sitios electrónicos, especialmente cuando no fue posible recolectar datos mediante el acceso directo a los residentes de los conjuntos o a los órganos públicos responsables de su regulación, como por ejemplo las alcaldías de estas ciudades.

Palabras clave: Capitalismo; Conjuntos Cerrados; Segregación Socioespacial; Cariri.

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a estruturação do espaço urbano de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, é possível perceber que essas cidades passaram por diversas transformações ao longo da sua trajetória histórica. O espaço urbano resultou das forças produtivas do sistema capitalista que, ao se inserir na região, a integraram à divisão territorial do trabalho, comandada por forças externas. No entanto, dentro da lógica nacional esse espaço passou a atender, cada vez mais a uma dinâmica organizacional econômica de poder que pouco contribuiu para seu desenvolvimento interno.

Porém, ao analisarmos os períodos históricos pelos quais essas três cidades passaram, podemos compreender suas diversas fases econômicas: desde a fase agrária na década de 1960 comandada pelo município de Crato, passando pela fase urbana comercial tradicional, produzida e conduzida pela cidade de Juazeiro do Norte; até a fase atual do capitalismo financeiro, que, ao se estabelecer na região, elegeu uma nova área de valorização para a instalação de equipamentos urbanos mais modernos. Isso ocorreu porque o centro das três maiores cidades entrou em um processo de enrijecimento, o que impediu sua expansão.

Atualmente, o Cariri cearense tem sofrido grandes transformações, não apenas em sua estruturação econômica, mas também na dinâmica de reprodução do seu espaço urbano. Uma das condições que influenciaram esse processo foi justamente a institucionalização da Região Metropolitana do Cariri. A partir dessa criação, os projetos de investimentos econômicos passaram a se intensificar na área em questão.

Localizada ao Sul do Estado do Ceará, a região do Cariri vem seguindo a lógica do capitalismo financeiro, que, diferentemente dos modelos anteriores, é comandado por atores globais da economia os quais vem redefinindo completamente a lógica econômica e social e a estruturação espacial da região.

Nas últimas duas décadas, temos assistido à chegada de um grande número de empresas à região, muitas delas transnacionais, ligadas a diversos setores da economia. Essas empresas apontam para um novo modelo de sociedade, com novos hábitos urbanos, característicos dos padrões metropolitanos globais. Elas atuam em diferentes ramos e refletem um novo padrão de consumo, estando inseridas em



uma nova ordem que já não obedece ao comando local, mas sim a novos agentes do capital nacional e global, redefinindo, assim, todas as formas de relações com o lugar.

Empresas do setor automobilístico, redes de supermercados ligadas ao grupo Walmart, empresas de móveis planejados com atuação em escalas nacional e diversas do setor da construção civil redefiniram um novo arranjo econômico, desfazendo qualquer ordem antes estabelecida entre as práticas sociais e o espaço urbano. Esse espaço, até então, ainda se organizava segundo uma certa lógica orgânica vivenciada pelos moradores das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Dentro desse contexto, destaca-se o papel dos agentes imobiliários e dos novos empreendimentos caracterizados pelos atuais padrões de moradia da região - ou seja, os condomínios fechados, que têm surgido em grande velocidade nas três cidades-polo do Cariri.

Mesmo refletindo o processo de segregação socioespacial com casas de muros altos, muitas delas imponentes e que demonstravam certa negação da rua, ainda existia, nessas cidades, há algumas décadas, uma relação quase orgânica dos moradores com o entorno. Por mais que as residências das elites fossem afastadas ou separadas por algum tipo de barreira física, a rua ainda fazia parte da extensão das casas como pode ser observado nas imagens abaixo.



Imagem 01 Rua do centro do Crato

https://www.google.com/search?sca_esv=7ada9c12ef721718&rlz=1C1GCEA_enBR1163BR1163&udm=2&sxsrf=AE3TifNKPxFN
acesso em agosto de 2024;



Imagem 02 Casarão em Barbalha -https://www.google.com/search?sca_esv=210790b7bc490011&rlz=1C1GCEA_enBR1163BR1163 acesso em agosto de 2024;



Imagem 03 Casarão em Juazeiro do Norte
https://www.google.com/search?q=casar%C3%B5es+de+juazeiro+do+Norte&sca_esv=210790b7bc490011&rlz=1C1GCEA_enBR1163BR1163 acesso em agosto de 2024;

Até meados dos anos 1980 e, em alguns casos, até 1990, as elites de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha permaneceram em seus casarões localizados nos centros dessas cidades. Posteriormente, migraram para bairros mais distantes e periféricos, justificando a mudança com o discurso de busca por melhor qualidade de vida, longe do barulho e da agitação do centro urbano.



A partir de meados dos anos 2000, os condomínios fechados surgiram no Cariri cearense, impulsionando e confinando as elites das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha a espaços cada vez mais distantes dos centros urbanos. Esse processo reproduz a experiência de alta segregação espacial, já observadas há muito tempo nas grandes metrópoles. As imagens abaixo mostram os principais modelos de condomínios localizados nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.



Imagem 04 – condomínio Novo Milênio – Crato

<https://www.google.com/local/place/fid/0x7a184c27808c81d:0x8638f0504e904e69/photosphere?iu=https://streetviewpixels> acesso em agosto de 2024.



Imagem 05 – Condomínio cidade Kariris Juazeiro do Norte

https://www.google.com/search?sca_esv=7f9887bee47bdd15&rlz=1C1GCEA_enBR1163BR1163&sxsrf=AE3TifP0wZjMob3BfDeIhhGqeFLcww1sYA. Acesso em agosto 2025.



Imagem 05 – Condomínio Barão de Araruna - Barbalha
https://www.google.com/search?sca_esv=7f9887bee47bdd15&rlz=1C1GCEA_enBR1163BR1163&sxsrf=AE3TifNCso-WCUW62OeMBVluroPNicJpQ. Acesso em agosto de 2025.

A estrutura arquitetônica desses condomínios denuncia na paisagem a escolha pela elites da autosegregação revelando a estética do medo e a negação do outro que não faz parte da sua própria classe social.

Essa pesquisa busca compreender os elementos atuais que propiciaram o estabelecimento de um novo padrão de moradia nas cidades em questão. A globalização, entendida como um processo que estrutura uma nova ordem incorporada pela região e que é reflexo da padronização metropolitana, é um dos aspectos fundamentais dessa investigação.

METODOLOGIA

Ao longo desta pesquisa, foi elaborada uma sistematização do processo necessário para compreender a realidade estudada. Para uma orientação metodológica mais precisa, foram definidos, previamente o recorte geográfico da área e o recorte temporal para uma melhor orientação metodológica na execução do enquadramento da temática.

Assim, buscamos compreender essa nova forma de moradia como um evento de reestruturação urbana que se estabeleceu no triângulo CRAJUBAR sob a influência da globalização. Conforme SANTOS (1996, p. 115), os eventos ao se inserirem no espaço eles



requerem uma datação, “Os eventos são, todos, presentes. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço”. Nesse sentido, a pesquisa aborda a questão da “segregação do espaço urbano do Cariri cearense: o caso dos condomínios fechados” a partir de sua temporalização no processo de materialização espacial.

Para tanto, utilizamos o surgimento dos primeiros condomínios, dos prédios residenciais e a disseminação de aparatos de segurança privada a partir de meados dos anos 2000 como indicadores temporais da fragmentação do espaço urbano.

Com o objetivo de acumular o máximo de informações sobre as questões propostas, realizou-se uma revisão bibliográfica aprofundada. Nessa etapa, a leitura minuciosa sobre a questão urbana foi essencial para a construção dos dados da pesquisa. Buscou-se, então, relacionar essa literatura a outras que permitissem uma análise mais abrangente da realidade, como a que trata do processo de globalização e do papel dos agentes do capital imobiliário na produção dessas novas categorias de moradias.

Para a coleta de dados, foi pensado inicialmente em aplicar o questionário para trinta moradores dos condomínios fechados, sendo 10 para os condomínios de cada cidade. A identidade dos entrevistados foi mantida em sigilo, com o objetivo de salvaguardar o seu direito à privacidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento desta pesquisa se baseia na análise do processo de fragmentação do espaço urbano do Cariri por meio dos condomínios fechados. Utilizamos o termo condomínio fechado para nos referir aos espaços que SPÓSITO (2013, p.134) define como

... Glebas que, em seu parcelamento, atendem a Lei Federal nº 4.491, de 16 de dezembro de 1964, cujos preceitos apoiam-se no estatuto da propriedade condominial. São, portanto, glebas de terras nas quais edificações de um ou de vários pavimentos são erguidas, mantendo-se em dois níveis diferentes: a) as propriedades privadas de uso restrito, sejam apartamentos, no caso dos condomínios verticais, sejam residências que combinam um terreno e uma edificação, no caso dos condomínios horizontais; b) as copropriedades de uso coletivo das áreas comuns, como vias, calçadas, áreas verdes, de lazer, etc., sobre as quais cada condômino tem o direito de propriedade sobre uma fração ideal, proporcionalmente correspondente ao tamanho e/ou preço de sua propriedade individual.

Esses espaços residenciais fechados, que na presente pesquisa denominamos condomínios, tem permeado recentemente os espaços urbanos de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, estejam eles em bairros próximos ao centro ou em loteamentos periféricos mais distantes, formando um tecido urbano descontínuo. Esse novo modelo de empreendimento não



foi implantado de forma aleatória nem desvinculado de um discurso; e, tal como em outras realidades, tem promovido um novo rearranjo espacial no Cariri cearense.

Esses elementos vistos como construção social não ocorrem de forma isolada, nem no tempo nem no espaço. Juntos, ajudam a produzir uma realidade dinâmica e complexa que combinados a outros processos ocorrem de forma única em cada lugar.

SANTOS (1996, p. 67) adverte sobre a importância das ações no processo de construção do lugar quando diz:

... Existiram, pois, paralelamente essas três ordens: a ordem da forma técnica, a ordem da forma jurídica e a ordem do simbólico. O cotidiano se dá mediante essas três ordens. Mas se, por um lado, a ordem técnica e a ordem da norma impõem-se como dados, por outro lado, a força de transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado, vêm do agir simbólico, onde o que é força está na afetividade, nos modelos de significação e representação. A importância do lugar na formação da consciência vem do fato de que essas formas do agir são inseparáveis, ainda que, em cada circunstância, sua importância relativa não seja a mesma.

A especificidade de cada lugar reside na construção e no estabelecimento de ordens - Jurídica, técnica e simbólica – que, muitas vezes, são alheias a ele. O local obedece a uma lógica externa que nem sempre atende as suas necessidades e anseios, pois responde de forma particular a imposição de cada uma dessas ordens.

A partir dessas três ordens, podemos relacionar a fragmentação urbana com as dimensões jurídica, simbólica e técnica. É por meio desta última que se materializam, no espaço, os aparatos que estruturam a fragmentação urbana por meio dos condomínios fechados e a nova ordem imposta por esse modelo de moradia no Cariri.

A questão da violência urbana tem sido um dos elementos utilizado pelas elites do Cariri para justificar a opção pela moradia em condomínios fechados. O sentimento de insegurança, portanto, desempenha um papel específico nessa dinâmica, variando conforme o lugar ou a região em que se manifesta. Corroboramos com SÁ (2010, P.01) segundo o qual “Compreender o processo de formação do espaço urbano e atuação dos seus agentes, possibilita verificar como a violência urbana atua, também, sobre o mesmo.”

A análise da fragmentação do espaço sobre a ótica do discurso da insegurança nos leva a investigar os agentes produtores desse processo. A produção desigual do espaço gera conflitos, e esses conflitos, por sua vez, acarretam a transformação da ordem. Em sua obra “O mal estar da pós-modernidade”. BAUMAN (1998, p.30) argumenta que:

Em suas buscas de constituição da ordem, o Estado moderno tratou de desacreditar, de repudiar e erradicar les pouvoirs intermédiaires das comunidades e tradições. Se realizada, a tarefa “desencaixaria” (Giddens) ou “desimpediria” (MacIntyre) os indivíduos, dar-lhes-ia o benefício de um começo completo, deixá-los-ia livres, para escolher a espécie de vida que desejam viver, bem como controlar e administrar a sua



existência na estrutura das normas legais reconhecidas pelos únicos poderes de legislação legítima – os do Estado.

O Estado atua como administrador da ordem, muitas vezes legitimando conflitos que ele próprio ajuda a criar, mas que são disfarçados pelo discurso da legalidade. Ao racionalizar o espaço como objeto de planejamento, o Estado frequentemente negligencia o processo histórico de construção social das identidades dos habitantes. Com isso, impõem-lhes normas institucionais que não consideram o bem estar-social, mas sim o uso do território para o investimento de capital

SOUZA (2008, P.93) retrata que o papel do Estado no planejamento urbano formal no Brasil, foi negligenciado por diversas razões. E continua, “quase sempre foi, também, malfeito e/ou manipulado pelas elites com o objetivo de servir a propósitos segregacionistas ou especulativos”.

Quando o crescimento econômico de uma localidade se desvincula do desenvolvimento social, torna-se um espaço de conflitos permanentes. Essa dissociação gera um profundo distanciamento entre os a gentes produtores do capital e aqueles comandados por esses mesmos a gentes.

Podemos, então, inserir o espaço urbano do Cariri no contexto da globalização como um fenômeno contraditório. Ao tentar homogeneizar os lugares, a globalização acaba por gerar contrastes e contradições socioculturais, que em vez de unir, segregam. Os condomínios fechados representam um exemplo desse processo.

O discurso sobre a violência urbana é um dos elementos utilizados pelos a gentes do capital imobiliário para garantir o sucesso de vendas dos condomínios fechados. Esse discurso, amplamente disseminado pela mídia e cooptado por esses a gentes, gera nas pessoas um sentimento de insegurança, alimentado o medo da rua, do outro e de tudo o que for estranho. Esse medo se materializa nas relações sociais e, conseqüentemente, no espaço urbano, resultando na segregação socioespacial que se manifesta, também, pelos condomínios fechados.

Nesse sentido, os diversos tipos de violência e os discursos a respeito dela, tem gerado terror na população que, ao invés de combatê-la e revigorar as ruas como espaços de uso coletivo, se auto segrega em condomínios fechados, prédios, casas com muros altos com vários aparatos de segurança. Conforme BAUMAN (1999, p 29) “As elites escolheram o isolamento e pagam por ele prodigamente e de boa vontade. O resto da população se vê afastado e forçado a pagar o pesado preço cultural, psicológico e político do seu novo isolamento”.



O uso coletivo dos espaços públicos pela sociedade foi gradualmente substituído pelo confinamento residencial, clubes seletivos, shopping e transportes individuais. Os relacionamentos interpessoais tornaram-se predominantemente virtuais e distantes. A negação da rua pelas elites é clara na arquitetura de suas residências, com muros altos, condomínios fechados e aparatos eletrônicos que as protegem do desconhecido. Como resultado, a interação com o bairro e a praça é nula, e esses espaços se tornam ermos e abandonados, servindo apenas como rota de passagem para as elites, e não como espaços de vivências.

A esse respeito, BAUMAN (1999, p.29) diz que os habitantes desprezados e despojados de poder das áreas pressionadas e implacavelmente usurpadas respondem com ações agressivas próprias; tentam instalar nas fronteiras de seus guetos seus próprios avisos de “não ultrapasse”.

Nesse contexto, questiona-se como seria possível andar tranquilamente pelas ruas, sem o sentimento da insegurança. Afinal, se autoss segregação impõe inevitavelmente a diferença, a exclusão e a ojeriza àqueles que não pertencem à classe privilegiada, a consequência esperada é a resistência, que pode se manifestar sob a forma de diversos tipos de violência.

Dentro dessa lógica, o Cariri se configura como uma região de intensa exploração e apropriação do solo urbano, e assim como em todo lugar, essa apropriação acontece de forma desigual.

As relações estabelecidas no espaço carirense são moldadas por uma dinâmica de poder que articula instâncias internas e externas à região. Essa interação não só redefine as formas urbanas, mas também, e principalmente, o conteúdo da relação entre o local e o global.

É nesse contexto que o Cariri se insere na lógica de outros espaços em crescimento no país, sendo visto como uma possibilidade de exploração pelo capital especulativo. A dinâmica do crescimento populacional da região também tem sido um fator que possibilita o uso diversificado do território, incluindo a implantação de uma rede de sistema de comunicação que interliga a região a cidades próximas e ao mundo simultaneamente. Tais ações não são desprovidas de intencionalidade ou de um conteúdo que se esconde por trás da aparência dos fenômenos.

Portanto, a análise partiu da premissa de que é preciso revelar o conteúdo por trás dos processos e de sua materialidade. Essa materialidade se estabelece em uma sociedade fragmentada, segregada, preconceituosa e injusta, que se esconde atrás de um discurso muitas vezes mais fantasioso do que real: o discurso da insegurança urbana.

Para atingir o objetivo de compreender como o discurso da insegurança contribui para a fragmentação socioespacial do espaço urbano do Cariri por meio dos condomínios fechados, foram empregadas diversas técnicas metodológicas. Estas incluem revisão bibliográfica e



iconográfica, análise de documentos, publicações e projetos governamentais sobre a regulamentação do uso e parcelamento do solo urbano, além de entrevistas com moradores de condomínios para compreender seus discursos sobre a insegurança e análises coletada em campo. As escolhas metodológicas foram feitas para aproximar a pesquisa das teorias de autores que a fundamentam, como Sposito (2003, 2013), Souza (1996, 2000, 2008), Bauman (2001, 2003, 2005, 2006, 2008), Sá (2005, 2007, 2010) e Santos (1996, 1994, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizarmos essa pesquisa buscamos compreender quais os processos que contribuíram para a construção dos condomínios fechados nas três cidades do Cariri: Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Pode-se afirmar que a consolidação dessa nova forma de morar na região do Cariri foi impulsionada tanto pelo crescimento econômico das três cidades em questão, quanto pela atuação dos agentes do capital imobiliário. Estes últimos identificaram na área um campo fértil para a especulação e a produção de condomínios, promovendo discursos focados em segurança privada, qualidade de vida e um novo estilo de moradia, direcionados às elites que historicamente buscam a segregação socioespacial.

Esses novos empreendimentos chegaram a região vinculados a outras empresas como as da construção civil e de móveis planejados de alcance nacional, os quais refletem o avanço do processo de globalização na área estudada.

Para tanto, buscou-se investigar se, de forma análoga ao que ocorre nas grandes metrópoles, há uma relação direta entre a escolha de morar em condomínios fechados e a percepção de segurança por parte dos residentes. A metodologia utilizada consistiu na aplicação de questionários aos moradores dos principais condomínios localizados nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

O questionário, elaborado de forma clara e objetiva com apenas cinco perguntas, buscou investigar as motivações para morar em um condomínio fechado. Embora a intenção inicial fosse aplicar o instrumento na maioria dos residentes dos três condomínios, a baixa disponibilidade dos moradores (que, muitas vezes, não estavam presentes ou não aceitavam conceder entrevistas) resultou em uma amostra limitada. No entanto, os dados obtidos com os respondentes permitiram alcançar alguns resultados.

Na etapa de aplicação do questionário, os respondentes foram indagados sobre os principais fatores que motivaram sua escolha por um condomínio fechado. Os fatores



investigados incluíram segurança, infraestrutura de lazer, privacidade, valorização do imóvel, convivência e comunidade. Os dados revelaram que a segurança obteve a maior incidência de respostas, seguida pela privacidade.

Em continuidade à investigação dos fatores de escolha, a segunda pergunta do questionário focou no grau de relevância da segurança para a opção pela moradia em condomínio. As alternativas de resposta foram 'Muito Importante', 'Pouco Importante' e 'Sem Importância', e os dados coletados reiteraram a predominância da categoria 'Muito Importante' entre os respondentes.

Em outra etapa do questionário, buscou-se identificar os aspectos mais atrativos na infraestrutura dos condomínios. A maioria dos entrevistados destacou a privacidade como um diferencial, somando-se ao fator segurança. Posteriormente, foi perguntado aos respondentes se já haviam sido vítimas de algum tipo de violência urbana, como assalto, sequestro ou furto. Todos os entrevistados responderam negativamente a essa questão.

E por último, foi perguntado qual a vantagem de viver em um condomínio fechado, e a maioria foi incisiva em responder que era a segurança.

Embora a pesquisa tenha obtido um número restrito de respondentes, os resultados indicam que a opção pela autosegregação é motivada direta e indiretamente pelo discurso da violência urbana, bem como pela negação da interação social nos espaços públicos.

A busca por segurança, ou a construção de uma 'pseudo segurança', manifesta-se no imaginário social das elites. Esse discurso serve, muitas vezes, como justificativa para a autosegregação, mascarando a aversão de muitos em se misturar com classes sociais menos favorecidas e com condições econômicas distintas.

Outro elemento analisado foi a atuação dos governos municipais na normatização dos loteamentos nas três cidades estudadas. Essas cidades estão situadas em áreas com ricas condições geoambientais, como a Chapada do Araripe, que abriga espécies endêmicas da flora e da fauna. Atualmente, essas áreas se encontram sob forte ameaça de extinção devido à pressão demográfica e ao histórico de loteamentos desenfreados, que têm suprimido cada vez mais as áreas que deveriam estar legalmente preservadas. Essa situação as coloca em uma interface de alta vulnerabilidade ambiental.

A facilitação da legalização dos loteamentos pelos governos municipais demonstra a falta de responsabilidade com o meio ambiente e evidencia um compromisso com os interesses das elites locais e do capital privado. Nesse contexto, os loteamentos cumprem a promessa de uma moradia com mais qualidade de vida, áreas verdes, contato direto com a natureza, além da



privacidade e segurança que, supostamente, apenas os condomínios fechados poderiam garantir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem dos condomínios fechados nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha reflete a chegada de agentes da globalização na região do Cariri. Ao se estabelecerem no território, esses empreendimentos reconfiguraram o arranjo espacial das cidades, obedecendo à lógica do capital privado, mas com o respaldo da legalização por parte do poder público.

A nova ordem implantada pelos agentes do capital financeiro reestruturou as relações preexistentes no Cariri e reorganizou a experiência urbana na região. Ao eleger áreas prioritárias para sua implantação e comando, o capital obteve do Estado as condições necessárias para sua fluidez. Para isso, foram desenvolvidas estratégias que incluem a instalação de aparatos técnicos de rapidez, como novas rodovias de circulação que interligam não apenas as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, mas todos os municípios da região metropolitana.

Os agentes imobiliários se beneficiaram da relação entre o capital privado e o poder público no Cariri para viabilizar seus empreendimentos. Ao difundirem o discurso da insegurança, da busca por qualidade de vida e da infraestrutura exclusiva oferecida por esses empreendimentos, esses agentes se aproveitam da necessidade das elites de promover a autosegregação, buscando o afastamento daquilo que consideram 'estranho' ou 'diferente', ou seja, daqueles que, por sua condição social, não pertencem à sua classe.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. **Confiança e Medo na Cidade**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.
- Diário Oficial do Estado do Ceará nº 121, ano I, série 3» (PDF). 3 de julho de 2009. **Criação da Região Metropolitana do Cariri - RMC**. Consultado em 09 de março de 2021
- SÁ, Alcindo José de (org.) **Por uma Geografia sem Careceres Públicos ou Privados**. Recife: Foto laser Reproduções Gráficas, 2007.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SPOSITO, Maria da Encarnação Beltrão. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. 1ª ed. São Paulo, UNESP, 2013.
- SOUZA, Carlos Alberto Duarte de. SÁ, Alcindo José de. **O espaço da cidade como produtor da violência e insegurança: o medo da liberdade nas favelas do DETRAN e Ayrton Senna no bairro**



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

da Iputinga – Recife (PE). Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças. Espaço de diálogos e práticas, p.01 -13. Porto Alegre: julho 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. ***Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana.*** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.